

Sarney comanda negociações da dívida externa

24 FEV 1997

por José Casado
de São Paulo

O presidente José Sarney decidiu cancelar todos os compromissos de sua agenda pelos próximos vinte dias, para cuidar exclusivamente da dívida externa. Com esse gesto, Sarney confere ao tema um tratamento emergencial, semelhante ao que os chefes de Estado concedem a uma situação de guerra.

O governo não deseja o confronto com os credores externos, como garantiu o presidente no discurso em que anunciou a suspensão dos pagamentos da dívida, por tempo indeterminado, na sexta-feira. Reforçou essa impressão no comunicado enviado aos setecentos bancos privados credores, no domingo. Porém, internamente, o governo opera com todas as hipóteses. E o presidente deseja, agora, coordenar pessoalmente a definição da tática e da estratégia de negociação.

Ele acaba de constituir, informalmente, um núcleo básico de decisões. É composto pelos "ministros da casa" (Dilson Funaro, Marco Maciel, os generais Ivan de Souza Mendes e Bayma Denys) e também pelos embaixadores Rubem Ricúpero (assessor internacional da Presidência) e Márcilio Marques Moreira (embaixador em Washington), contando com a eventual participação de Eliezer Batista (presidente da Vale do Rio Doce Internacional), que Sarney tem convocado para consultas, nas últimas duas semanas.

O governo trabalha em duas direções. A primeira, a da renegociação da dívida, já tem uma linha geral: o objetivo único é limitar os pagamentos a um teto de US\$ 5 bilhões anuais — me-

nos da metade do previsto para este ano (US\$ 12 bilhões). A outra hipótese é a do endurecimento: uma série de decisões estratégicas, como racionamento de derivados de petróleo e de outros insumos básicos, além de "medidas de emergência" na área política, já está definida pelo Conselho de Segurança Nacional.

Mas o presidente mostra-se satisfeito com a repercussão interna e externa de sua decisão, conforme disse ontem, em telefonema, ao presidente do Uruguai, Julio Sanguinetti. Sarney acredita que, se obtiver êxito nessa batalha com os bancos internacionais, não só terá dado um passo decisivo para a mudança das regras nas relações econômicas internacionais como também garantirá respaldo político interno à legitimidade do seu mandato, estabelecido em seis anos, hoje questionada na Constituinte.

O líder de Sarney na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, que na semana passada defendeu o parlamentarismo, foi surpreendido pelo governo, que mudou, sem avisá-lo, a data do debate do ministro da Fazenda com o PMDB, para depois do carnaval.

(Ver página 6)